

ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A BACIA HIDROGRÁFICA COMO CONTEXTO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

ENVIRONMENTAL STUDY IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY: THE HYDROGRAPHIC BASIN AS A CONTEXT FOR A MEANINGFUL LEARNING

Eva Teixeira dos Santos¹
Larissa Cristina Brandão Cardoso²
Márcia Regina Romero Maciel³

Resumo: O estudo do meio é um método interdisciplinar, bastante utilizado no ensino de geografia, visando o desenvolvimento de habilidades investigativas, para a compreensão do espaço e para o aprimoramento do olhar geográfico, o que é consensual entre vários autores. Assim, o trabalho teve como objetivo apresentar tal metodologia como recurso didático no ensino de Geografia para a construção de uma aprendizagem significativa em uma escola em Aquidauana/MS, Brasil. Para tanto, na atividade, foram abordados conteúdos referentes ao estudo da sub-bacia hidrográfica do Córrego Guanandy, afluente do rio Aquidauana. Com isso, observou-se maior interesse por parte dos acadêmicos e alunos da escola, bem como a motivação do professor supervisor em propiciar a aproximação entre a teoria e a prática no ensino de geografia. Desta forma, a geografia tornou-se perceptível no cotidiano do estudante, servindo para intermediar sua leitura e entendimento do espaço geográfico da cidade, a partir da observação da paisagem.

Palavras-chave: Espaço geográfico, Paisagem, Interdisciplinaridade, Formação de professores.

Abstract: The environmental study is an interdisciplinary method, widely used in the teaching of Geography, aiming at the development of investigative skills for the understanding of space and improvement of a geographical look, which is consensual among several authors. Thus, this research aimed at presenting such methodology as a didactic resource on the teaching of Geography for construction of a meaningful learning in a school in Aquidauana/MS, Brazil. Therefore, in this activity, contents regarding the study of Guanandy stream sub-basin, a tributary of Aquidauna river, were addressed. Thus, it was observed a greater interest by academics and students of that school, as well as the teacher-supervisor's motivation in providing approximation between theory and practice in the teaching of Geography. In this way, Geography has become perceptible in students' daily life,

¹ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Aquidauana eva.teixeira@ufms.br

² Professora do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS – Dourados. E-mail: cardosogeoufms@hotmail.com

³ Professora da Escola Estadual Dóris Mendes Trindade – Aquidauana-MS. E-mail: marciamacioldocarmo@hotmail.com

serving to intermediate their reading and understanding on geographical space of the city, from the observation of landscape.

Key words: Geographic Space, Landscape, Interdisciplinarity, Teacher Training; Fieldwork

Introdução

Vários autores afirmam que o estudo do meio é uma metodologia interdisciplinar, bastante utilizada no ensino de geografia, objetivando o desenvolvimento de habilidades investigativas, para a compreensão do espaço e para o aprimoramento do olhar geográfico. Propicia, ainda, para alunos e professores a oportunidade do contato direto e imersão orientada sobre determinado espaço geográfico, que se decida estudar, onde a partir do estabelecimento de um diálogo entre as partes, além de enriquecer os processos de ensino e de aprendizagem, pode oferecer as condições para se estabelecer análises da realidade.

Apesar de apresentar pontos positivos acerca da metodologia em questão, parece perceptível uma novidade da área do ensino e da geografia escolar, no entanto historicamente esta prática pode ser percebida nas escolas anarquistas que surgiram no início do século XX, de total independência do Estado, entretanto,

Os trabalhos realizados fora da sala de aula por tais escolas tinham como objetivo que os alunos, observando, descrevendo o meio dito natural e o social do qual eram parte, pudesse refletir sobre desigualdades, injustiças e promover mudanças na sociedade no sentido de saná-las (PONTUSCHKA, 2004, p.251-252).

Os trabalhos destas escolas em São Paulo estavam associados a “movimentos sociais, políticos e culturais” que criticavam o governo, conscientizando e alfabetizando os trabalhadores e pessoas deste contexto. No final da década de 1920 este modelo escolar assim como o movimento foi fortemente combatido com o fechamento das escolas e desarticulação das lideranças (PONTUSCHKA, 2004, p.252). Contudo esta metodologia vem sendo praticada em alguns momentos por professores no Brasil, como uma prática disciplinar e em alguns momentos de forma interdisciplinar com professor de outra disciplina. Nesta perspectiva histórica quando o professor pratica esta metodologia é preciso que este junto aos alunos, outros professores e a gestão da escola pense em todas as etapas:

[...] sem pré-julgamentos ou preconceitos: liberar o olhar, o cheirar, o ouvir, o tatear, o degustar. Enfim, liberar o sentir mecanizado pela vida em sociedade, para a leitura afetiva que se realiza em dois movimentos contrários – negar a alienação, o esquema a rotina, o sistema, o preconceito – e afirmar o afeto da comunidade e da personalidade (PONTUSCHKA, 2006, p. 12 *apud* LOPES; PONTUSCHKA, 2009, P.187).

O ato de sair da sala de aula possibilita aprendizados além da rotina deste ambiente e desprende práticas pedagógicas tradicionais e mecânicas em que os alunos estão acostumados e por muitas vezes esta rotina tem um peso negativo. A atividade possibilita trazer retorno à comunidade escolar para ter conhecimento acerca da atividade. Para isto é preciso planejamento para pensar objetivos e como ocorrerão as etapas, conforme se apresentará a seguir a teoria e prática de um caso.

Assim, este artigo objetivou apresentar a metodologia do Estudo do Meio como recurso didático no ensino de Geografia na construção de uma aprendizagem significativa para os acadêmicos da disciplina Prática de Ensino de Geografia no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Na prática, foram abordados os conteúdos referentes ao estudo da sub-bacia hidrográfica do rio Aquidauana, denominada Córrego Guanandy, abrangendo questões conceituais, características físicas e impactos ambientais, com a realização de uma visita a alguns pontos da sub-bacia, localizados na zona rural e urbana de Aquidauana/MS, Brasil. Todo o processo foi monitorado pelos acadêmicos do curso de Geografia, bem como o professor da escola. Além disso, como desdobramento do projeto, no ano seguinte a professora da sala de aula, solicitou a continuidade do mesmo para apresentação na feira de ciências da escola, cujos alunos agora já estavam no sétimo ano do ensino fundamental.

Uma aula de campo ou trabalho de campo não configura a metodologia do estudo do meio em si, consiste em uma das etapas desta metodologia. Pontuschka (2009) organiza em seu artigo as etapas que constroem a metodologia que consiste na delimitação do “espaço e tema a serem estudados” (p.180), a “definição dos objetivos e planejamento” (p.181), “elaboração do caderno de campo” (p.181), “o roteiro e o cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante a pesquisa de campo” (p.185), “trabalho de campo” (p.186), “sistematização dos dados coletados na pesquisa/trabalho de campo” (p.188), “avaliação e divulgação dos resultados” (p.189). São estas as etapas apresentadas neste artigo, fruto da experiência na disciplina de práticas de ensino de Geografia, quando todas as etapas da

metodologia foram trabalhadas com os acadêmicos, futuros professores, por meio de aulas teóricas, aula para conhecimento da sub-bacia, preparação do caderno de campo, visitas in loco em algumas partes da sub-bacia e a aula de campo foi executada pelos acadêmicos com os alunos do sexto ano, junto às professoras da escola e universidade.

Discussão Teórica

Antecedendo a discussão sobre o estudo do meio em si, é importante enfatizar que o fato de potencializarmos a importância desta metodologia para o aprendizado geográfico, não limita a discussão desta como sendo a solução para o cotidiano da sala de aula. A pretensão deste início teórico é que potencializar a educação básica não se resume apenas no professor assumir novas práticas em sala de aula ou fora, ou que se resume apenas na prática do professor. Mas todo o arranjo do sistema educacional mediante a “barbárie neoliberal” e as resultantes problemáticas na educação (GADOTTI, 2007, p.64), advém do contexto histórico desde a formação do modelo escolar contemporâneo que se construiu baseado nos ideais capitalistas (ALVES, 2006). Mediante histórico Gadotti (2007) inquirir a profissão professor, que é pertinente para esta discussão:

- O que é ser professor hoje?

- Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas (p.65).

Os escritos de Gadotti, na perspectiva de Freire, para alguns é uma visão poética, porém reflexiva de grande valia. Da ênfase a prática do professor, pois a resposta para o questionamento do que é ser professor contemporaneamente não se remete as suas práticas, métodos, metodologias, mas a uma perspectiva mais ontológica de sua prática. De repensar sua função enquanto profissional da educação, para além de ser e pensar de forma crítica, precisa estar adepto a “pedagogia do diálogo” (p.65), ou seja, estar aberto a parcerias e trabalhos interdisciplinares.

Gadotti reconhece que o “cenário” de qual engendra esta discussão não é “otimista”, mas o que se pode ter por realista pode na verdade submeter uma “ideologia fatalista” que

corresponde ao neoliberalismo, além prender possibilidade de sonhar, pois “Sair do plano ideal para a prática não é abandonar o sonho para agir, mas agir em função do sonho, agir em função de um projeto de vida e de escola, de cidade, de mundo possível, de planeta... um projeto de esperança” (2007, p.67). E o professor mediante ao cenário nada otimista, precisa ter otimismo que influenciará nas suas práticas. Adentrando na perspectiva das práticas

Ao dar aulas para qualquer nível de ensino, o professor escolhe sua fala, seu discurso, define abordagens, enfoque, tempos de fala, tempos de silêncio, encaminha atividades, utiliza-se recursos, que têm influencia direta nos resultados dos processos de aprendizagem dos alunos. De alguma maneira, consciente ou inconscientemente, o trabalho do professor está ligado a um projeto de formação, a um projeto de sociedade, a um projeto de humanidade (CAVALCANTI, 2010, p.2).

Todo esse conjunto de escolhas que o professor aborda para trabalhar sua disciplina é importante nesta discussão, pois o ponto chave deste artigo é o uso da metodologia estudo do meio nas aulas de geografia, onde o conteúdo fica mais palpável para a percepção dos alunos, além de potencializar outros sentidos para o professor e o aluno. Trabalhar um conteúdo previamente em sala de aula, e sair da sala de aula para observar em seu cotidiano o que os conteúdos abordaram é muito interessante. Sobretudo pelo fato do livro didático que consiste em um material de inegável importância, mas que se reportar a realidades distantes do aluno, que fica de difícil compreensão para os mesmos, em se tratando de fazer analogias. Neste sentido,

[...] ensinar conteúdos geográficos, [...], requer um diálogo vivo, verdadeiro, no qual todos, alunos e professores, têm legitimidade para se manifestar, com base no debate de temas realmente relevantes e no confronto de percepções, de vivências, de análises, buscando um sentido real dos conteúdos estudados para os alunos. (CAVALCANTI, 2010, p.3)

Este “diálogo vivo” requerido na geografia escolar pode ser potencializado pelo estudo do meio que “tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem ‘mais perto da vida’, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.176). Neste momento perceber a geografia no seu espaço e cotidiano, é uma discussão no entorno desta metodologia, mas discutido por outros autores no quesito da disciplina:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

[...] em tornar o ensino de Geografia algo que estimule a reflexão sobre o mundo vivido extraescolar, aproximando a matéria escolar Geografia, das experiências do cotidiano ligadas à espacialidade. Ou seja, a prioridade é o entendimento da(s) sociedade(s) que, no cotidiano da sua existência, moldam o espaço conforme seus interesses, numa interação constante com a natureza. Callai propõe “Ler a paisagem, ler o mundo da vida, ler o espaço construído. (...) é isto que se espera da Geografia no mundo atual [...]” (KAERCHER, 2014, p.30).

O esperado para a geografia escolar pode ser potencializado com o estudo do meio que “propicia o contato direto do aluno com seu meio imediato, exercitando a intuição através de trabalhos de campo e excursões. Trata-se de um método ativo e interativo por requerer um trabalho interdisciplinar” (BUENO, 2009, p.188). Observar uma “paisagem”, o “mundo da vida” e o “espaço construído”, conforme Kaercher (2014), na sua forma concreta é uma sala de aula interativa, mas que pode se tornar mais fortalecido por meio da interdisciplinaridade, outras disciplinas junto a geografia. As “sensações e percepções dos alunos” precedem a conceituação (BUENO, 2009, p.188), além do que não se trata apenas de uma prática fora da sala de aula, são várias práticas que configuram a metodologia, que neste caso foi vivido pelo acadêmico.

O desenvolvimento de novos conhecimentos é possível a partir de estar em um espaço geográfico pensando nas complexidades que ali coexistem (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.174). Assim não configura uma visita ou excursão “mas prevê um trabalho de investigação apurado, cuidadoso, com muitas leituras prévias, com levantamento de questões e preparação de uma atitude investigativa durante toda a atividade” (FERNANDES, 2011, p.8). Tornam-se necessárias visitas prévias ao local para analisar o contexto e interligar com o conteúdo trabalhado em sala de aula, ou os conteúdos de mais de uma disciplina, precisam ser pensadas para trabalhar em conjunto ambos os professores.

Esta é “uma atividade curricular que visa estimular o hábito da pesquisa, mostrar aos seus participantes, por um caminho metodológico bem definido, uma realidade que, de outro modo, não poderia ser compreendida” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.189). As compreensões por meio desta metodologia são únicas desta forma de trabalhar, mas,

É preciso alertar, todavia, que não estamos diante de um método de ensino que pressuponha um currículo totalmente aberto e, nele, não esteja presente a intencionalidade. Os objetivos são traçados previamente, porém, [...] Seu

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

trajeto, como o voar de uma borboleta, não é linear como de um projétil, ou seja, não pode ser calculado e executado seguindo certa eficiência técnica. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.175)

A analogia feita ao voar de uma borboleta e pensar a metodologia totalmente livre de intencionalidade pode dar o entendimento antagônico. Acerca do currículo é necessário ter planejamento e interligar com o conteúdo proposto, além de contar com a consciência da coordenação, direção e pais dos alunos. Porém o que se pensa do voar da borboleta é que não se deve confiar inteiramente em que uma metodologia terá o “poder” de ultrapassar todas as barreiras, ela também pode falhar. Assim como o sistema é falho, conforme a discussão inicial acerca do cenário nada otimista em que se dá o cotidiano da sala de aula. Mas que pode ajudar otimizar por meio do cotidiano e paisagens que os alunos já estão acostumados observar, mas neste momento a observação vai além das percepções simples.

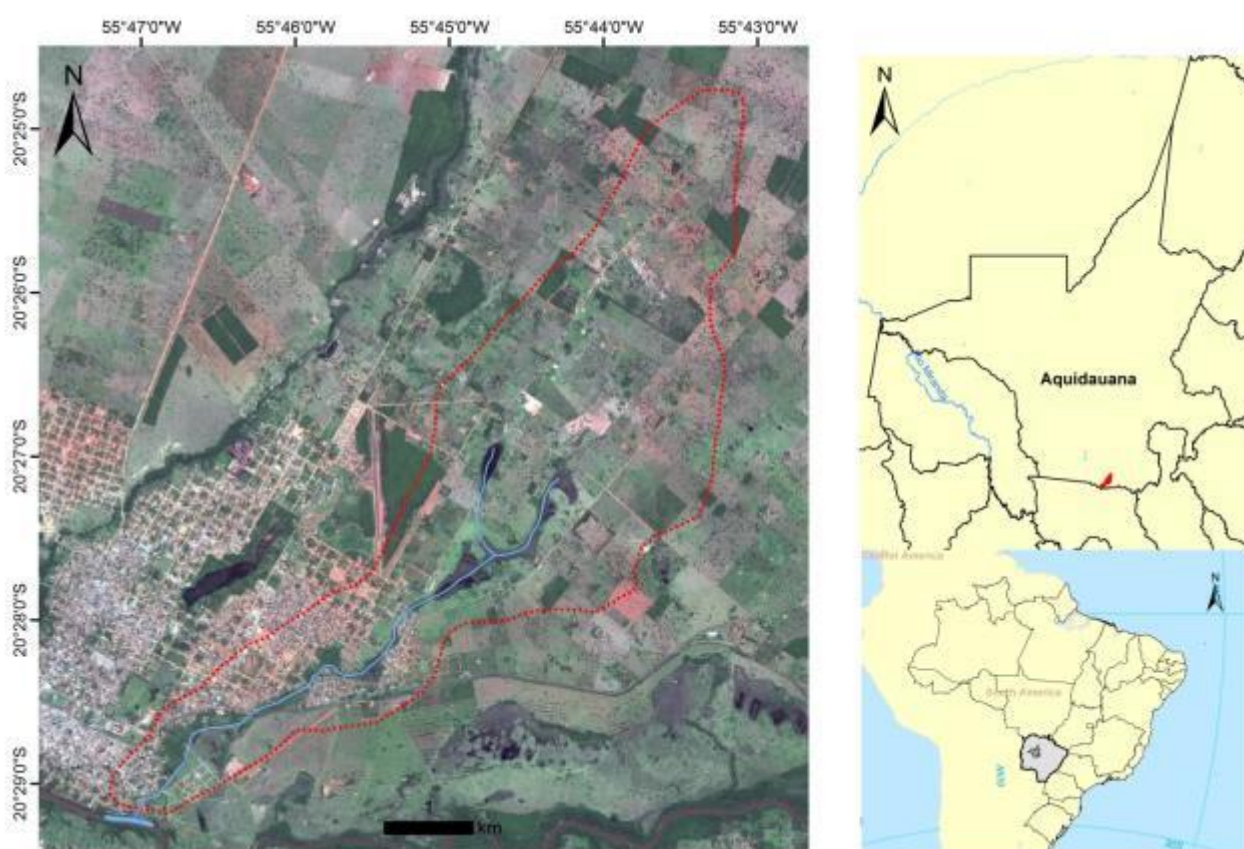
Há algumas possibilidades acerca do estudo do meio, sendo “um tipo de atividade escolar que pode estar vinculado a uma atividade de pesquisa mais ampla, quando se constitui uma de suas etapas, ou pode ser desenvolvido como um procedimento específico para tratamento de conteúdos de Geografia” (BUENO, 2009, p.187). Que pode ser exemplo deste trabalho, quando o estudo do meio se tratou da integração de uma turma da graduação com uma turma da educação básica, toda esta atividade esteve no interior de uma disciplina da universidade, onde os acadêmicos puderam vivenciar as etapas desta metodologia, que serão especificadas adiante.

Prática: a bacia hidrográfica como abordagem de estudo

A prática do estudo do meio enquanto metodologia ocorreu em Aquidauana, cidade interiorana localizada na região noroeste do estado de Mato Grosso do Sul, inserido na região Centro Oeste brasileira. Aquidauana é um município que apresenta grande extensão territorial com 16.957,747 km² e população com cerca de 45.614 mil habitantes, porém sua área urbana é pequena (IBGE, 2014). Observa-se na Figura 1 que a área urbana de Aquidauana fica ao Sul do município, na imagem delimitada pelo limite da bacia é perceptível a parte urbana no entorno do córrego até a sua foz. Está inserida em um contexto natural sendo uma área de transição entre os biomas Cerrado e Pantanal, tendo então importantes corpos de águas, assim como o Rio Aquidauana que dá o nome ao município e o limite natural com a parte urbana do

município de Anastácio. Na perspectiva da importância dos recursos hídricos de Aquidauana foi proposto o desenvolvimento de uma atividade de estudo do meio entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Escola Estadual Professora Dóris Mendes Trindade (DMT), contextualizando a bacia hidrográfica do córrego Guanandy, localizado próximo à escola, a qual está posicionada na margem direita do córrego.

Figura 1. Localização do município de Aquidauana e da bacia do córrego Guanandy



Organizado por: CUNHA, E. R. da. (2015)

O córrego Guanandy é o canal principal da sub-bacia e possui aproximadamente sete km de extensão. Nasce na zona rural e percorre parte da zona rural e bairros na zona urbana, não possui afluentes, apenas algumas contribuições de corpos de água formados em tempo chuvoso.

No decorrer da atividade foram desenvolvidas as seguintes etapas:

- Aulas teóricas da disciplina:

Na parte teórica da disciplina Prática de Ensino de Geografia foi apresentado qual seria o foco da disciplina, que consistiu em aplicar a metodologia estudo do meio com alunos do ensino fundamental, sendo a aula de campo uma das etapas. Foram trabalhadas referências de textos sobre o estudo do meio no ensino de geografia, todas as etapas e potencialidades deste tipo de atividade.

- Apresentação da temática e planejamento para os acadêmicos:

Nesta etapa foi apresentada a temática geral a ser trabalhada além do planejamento das próximas etapas, datas e separação dos grupos de acadêmicos que serão responsáveis por cada temática relacionada à bacia hidrográfica. As subtemáticas foram conceito de rios e lagos, uso da água do córrego no contexto rural e urbano e impactos ambientais que resultam dos usos em ambos os contextos, sendo formados três grupos para trabalhar cada temática.

- Delimitação da bacia no laboratório de geotecnologias:

Foi feita uma apresentação a partir de estudos a respeito das características da bacia em questão para os acadêmicos. O próximo passo foi a delimitação da bacia do córrego Guanandy por meio da ferramenta “Google Earth”, para ambientar e delimitar a área a ser explorada no momento da aula de campo (Figura 2), onde os alunos puderam se localizar na imagem e compreender o caminho que estava sendo percorrido. Nesta etapa os grupos trabalharam juntos, já planejando o caminho a ser percorrido durante a aula de campo.

Figura 2. Uso da imagem de satélite com delimitação feita pelos acadêmicos no laboratório de geotecnologias durante a aula de campo (2014)



Fonte: as autoras

- Elaboração da aula (parte teórica) a ser trabalhada na escola:

Nesta etapa foram elaboradas as apresentações das subtemáticas que seriam feitas aos alunos do sexto ano pelos acadêmicos e posteriormente ser o norte para as observações na aula de campo. Consistiu em uma etapa de fundamentação teórica para que a aula de campo não fosse apenas um passeio. Portanto, as discussões dentro do grupo foram de fundamental importância para uma boa elaboração do conteúdo e figuração dos temas a serem apresentados. Antes de apresentar na escola, foi feita uma apresentação na universidade para análise do conteúdo e materiais utilizados.

- Confeção do caderno de campo:

Teve como objetivo discussão prévia e elaboração do caderno de campo para os alunos da escola. O debate sobre os temas voltaram, como fomentar a pesquisa, como instigar e o que potencializar na curiosidade dos alunos, o que mostrar e perguntar neste caderno. A etapa consistiu em muitas dúvidas em como preparar um material organizado que mediasse a aula de campo, onde os grupos tiveram que se organizar e pensar formas trabalhar sua temática. Foi utilizado durante a aula para que os alunos fizessem anotações e observassem conceitos na paisagem e ilustrações do caderno, como pode ser observado na Figura 3. Este caderno é ferramenta necessária para fixação do conteúdo e organização do conhecimento. Sem ele talvez a gama de conhecimento que existe numa saída de campo pode atrapalhar o que realmente se deseja observar e discutir. É o norteador para o professor e material de conhecimento paradidático.

Figura 3. Alunos manuseando o caderno de campo, próximo a foz do córrego Guanandy



Fonte: as autoras

- Aula com os alunos sobre as subtemáticas:

Os acadêmicos apresentaram as aulas para o sexto ano antes da visita a campo, a aula funcionou como uma revisão e apresentação de curiosidades a respeito do assunto, pois consiste em um conteúdo já estudado em outro bimestre com a professora regente.

- Aula de campo com os alunos da escola:

Anterior à aula de campo propriamente com os alunos, os acadêmicos fizeram um campo prévio, para identificarem os locais e observar a paisagem para prepararem a aula no dia da visita em campo. As aulas de campo ocorreram no período matutino. Os acadêmicos formaram duplas para acompanhar a aula, cada grupo foi representado por duas pessoas, essa visita foi dividida em dois horários. Nos pontos visitados os acadêmicos junto aos alunos observaram a paisagem, conforme a Figura 4, destacando elementos do uso da água do córrego no meio rural e urbano, a diferença nos aspectos da vegetação, tipo de uso do córrego e impactos ambientais e a apropriação do ser humano na região visitada, lembrando conceitos trabalhados em sala de aula. Os alunos participaram respondendo às perguntas do caderno de campo utilizando pontos importantes que foram observados durante a visita, atividade foi vivenciada na prática. A observação da paisagem possibilitou a corroboração com o conteúdo já trabalhado pela professora regente de Geografia e a revisão feita pelos próprios acadêmicos. Cada grupo de acadêmicos destacou suas subtemáticas para os alunos observarem na paisagem.

Figura 4. Fotografias da aula de campo com os alunos, da primeira fotografia à esquerda em cima até a última à direita consiste no percurso da nascente a foz do córrego Guanandy, que foi percorrido durante a aula



Fonte: as autoras

- Fechamento da atividade na escola e confecção do mural:

Após a visita ao córrego Guanandy, onde foram coletados alguns dados através do caderno de campo, os alunos tiveram a oportunidade de confeccionar algumas redações e expor o que absorveram acerca do assunto. Os alunos conseguiram assimilar o conteúdo em virtude da saída a campo e expuseram sua satisfação com o tipo de aula (aula de campo). O fechamento da atividade na escola se deu com a confecção de um quadro mural, que ficou exposto no pátio da escola, mostrando o resultado do projeto e a satisfação da turma participante com as redações e fotografias. A Figura 5 apresenta momentos da confecção do mural em sala de aula, com fotografias, as redações e a imagem de satélite localizando a bacia, sendo que após o trabalho os alunos ficaram observando o mural e, ainda convidaram os pais para observarem o resultado do trabalho.

Figura 5 – Fotografias da confecção do mural realizado pelos alunos e acadêmicos, intitulado “Vivenciando geografia na bacia do córrego Guanandy”



Fonte: as autoras

- Fechamento da atividade concomitante da disciplina com os acadêmicos:

Com a finalização das atividades na escola, houve o encerramento da disciplina de Prática de Ensino em Geografia na universidade para observar os resultados obtidos no semestre, fotografias e leituras dos textos elaborados pelos alunos do sexto ano. Os acadêmicos puderam participar expondo suas experiências de toda a atividade, sobretudo a de campo e confecção com os alunos. O fechamento englobou desde as discussões teóricas no início da disciplina o que deu certo ou não, como é importante o planejamento bem organizado e a responsabilidade perante os compromissos firmados com a escola, professor e turma. Os acadêmicos finalizaram a disciplina com portfólio acerca das atividades executadas, com resultados da práxis de toda a disciplina, a parte teórica que foi trabalhada a princípio e a execução da metodologia do Estudo do Meio.

- Desdobramentos do projeto:

No ano seguinte, após a solicitação da professora da escola, deu-se continuidade ao projeto, o qual intitulou-se “Paisagem em foco: análise espacial da relação socioespacial/ambiental na bacia hidrográfica do córrego Guanandy em Aquidauana-MS”, sendo observada no contexto na bacia do Guanandy, a situação da ocupação e os tipos de uso

e ocupação, os aspectos que sociedade que vive neste contexto considera a respeito da dinâmica do córrego e a relação socioambiental em seu entorno.

Com isso, foi possível alfabetizar o estudante a respeito de uma categoria de análise da Geografia, paisagem, contribuindo para que este perceba seu cotidiano para além das simples sensações. Assim, importa ressaltar que com o enfoque dado pelo estudante nas fotografias obtidas da realidade de Aquidauana, pode sensibilizar acerca do que a expansão urbana tem ocasionado para o desequilíbrio da dinâmica da bacia.

Justifica-se por meio da paisagem na fotografia demonstrar o que os estudantes perceberam, para dialogar e repensar o que está havendo na cidade. A Geografia estando perceptível no cotidiano do estudante e servindo para intermediar sua leitura e entendimento do espaço geográfico da cidade, reproduzindo tal entendimento por meio da paisagem.

Resultados

Os resultados da metodologia estudo do meio foram múltiplos para os participantes, as duas instituições e a comunidade. Os alunos da escola desde o primeiro contato se mostraram muito interessados na atividade e assim foi até a última atividade com eles na escola. Assim também, foi a participação dos acadêmicos, em seus grupos, na preparação das suas atividades, até o grupo que teve um erro tiveram oportunidade de corrigir e assim o fizeram, aprendendo a importância da responsabilidade de um professor mediante a sua profissão. A professora regente sempre esteve aberta a diálogo e participante da atividade, utilizando a atividade como uma das avaliações do bimestre, disponibilizou aulas para a prática com a turma. Sobretudo na aula de campo, demonstrou o quanto estava satisfeita de ver os alunos podendo ver a geografia na sala de aula viva que pode se tornar o cotidiano. A participação da comunidade escolar, os pais que eram trazidos pelos alunos para observarem o mural com as fotografias e suas produções de texto.

Todas as participações e avaliação final foram perceptíveis como esta atividade contribui para o fortalecimento da integração da escola e universidade. O fato da turma do sexto ano agradecerem por serem escolhidos para esta atividade demonstra a importância da integração das instituições. Sobretudo o uso desta metodologia e atividades com esta perspectiva.

As expectativas para a atividade era que todo o planejamento pudesse ser cumprido e desse certo. Tudo isto foi importante para compreender em toda atividade que o planejamento consiste num meio importante para o trabalho do professor, sobretudo quando algo sai do planejamento é preciso (re)planejar e isto faz parte da prática da vida.

Este artigo consiste numa forma de avaliação, de demonstrar resultados e quiçá contribuirá de exemplo para outras práticas. Os resultados desta prática estão a germinar conforme os aprendizados e a construção da identidade profissional dos futuros professores, além dos alunos não olharem para a paisagem do córrego Guanandy sem lembrar o quanto aprenderam em uma aula de geografia fora da sala de aula.

Considerações Finais

Finalmente, importa ter deixado aos alunos do sexto e sétimo ano, como perceber a geografia de sala em um local próximo da escola, um corpo d'água e sua dinâmica natural e a ação antrópica em todo seu decorrer. Naturalmente um corpo de água como um rio ou córrego deve seguir um rumo e desaguar em outro corpo d'água, o que consiste na sua dinâmica natural, mas o homem pode intervir nesta dinâmica, mudando o rumo, eliminando dejetos e causando impactos, os conceitos acerca deste conteúdo perceptíveis aos olhos. E o simples fato de conseguir se movimentar de forma diferente a de dentro da sala de aula, potencializa aprendizados além do que a forma tradicional se apresenta aos alunos da educação básica.

Para os acadêmicos, futuros professores, foi importante compreenderem que preparar atividades elaboradas fora da sala de aula pode promover uma carga maior de trabalho, mas que não é impossível e o nível de apreensão é maior, não só por parte dos alunos da educação básica, mas pelo próprio professor. E até o fato da atividade falhar não é motivo para desistir, mas de repensar as práticas, uma vez que o ato de repensar, faz parte do cotidiano do professor pesquisador, e a identidade profissional começa a ser construída neste contexto da formação profissional.

A disciplina Prática de Ensino é importante no Curso de Geografia. Nesse momento de finalização do curso, foi extremamente enriquecedora essa modalidade de aula, tanto para os acadêmicos quanto para os alunos do sexto ano da escola, pelo fato deles terem tido uma aula diferenciada, uma aula prática de geografia, com a participação de professores e dos acadêmicos do curso de Geografia. Os alunos do sexto ano são alunos interessados,

participativos e curiosos. Acredita-se que é assim que a educação nas escolas de nível fundamental e médio deva caminhar, ultrapassando o paradigma de somente usar os livros didáticos. Os alunos anseiam por algo diferente, que os estimulem a ir à escola, caso contrário o que se vai continuar vendo é eles chegarem na sala, deitarem a cabeça sobre os braços e esperarem a aula passar, depois o recreio e assim sucessivamente. Quando da apresentação das redações feitas pelos alunos do sexto ano, notou-se que são alunos com capacidade de desenvolver um texto, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão. Ao final ficaram bons sentimentos esperançosos com essa nova geração, um final que não é final.

Além disso, observou-se maior interesse por parte dos acadêmicos e alunos da escola, bem como a motivação do professor supervisor em propiciar a aproximação entre a teoria e a prática no ensino de geografia. Desta forma, foi possível confirmar que a construção do conhecimento geográfico, ainda se distancia do saber científico do cotidiano dos alunos, mas que com a aplicação desta metodologia de trabalho, isto pode ser melhorado. Assim, a partir das reflexões teóricas e em realização da atividade de campo, enquanto participantes, organizadores e coordenadores da atividade, espera-se contribuir para a melhoria da formação do professor e, mais amplamente, para a melhoria da educação no país.

Assim, o ensino da Geografia expande para além da sala de aula, sendo o cotidiano um espaço de aprendizagem constante, porém imperceptível. Pensamos que cabe ao professor mediar este processo auxiliando o estudante a superar o estágio das simples sensações. Ao final os conhecimentos e resultados foram divulgados para que um número maior de pessoas tivesse acesso e compreensão acerca do assunto. Sobretudo a relevância manifesta o objetivo paralelo ao objetivo da pesquisa de educação básica pública de qualidade, municiando o estudante de um olhar mais específico, de pesquisador, que repensa a realidade partir do que, por costume, vive.

Referências

ALVES, G. L. *A produção da escola pública contemporânea*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BUENO, M. A. A importância do estudo do meio na prática de ensino em Geografia Física. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v.29, n.2, p.185-198, jul./dez, 2009.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

CAVALCANTI, L. de S. *A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas*. Seminário Nacional: Currículo em Movimento, 2010, Belo Horizonte, Anais... Belo Horizonte, nov. 2010, p.1-16.

FERNANDES, M. L. B. Estudo do meio e o ensino de geografia. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, Número especial EGAL, p. 1-19, II semestre 2011.

GADOTTI, M. Aprender e ensinar com sentido. In:_____. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007. p.61-67.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - **Cidades – Aquidauana**, Mato Grosso do Sul. Disponível em: < <http://goo.gl/D6vZP0> >. Acesso 15 de Janeiro 2015.

KAERCHER, N. A. *Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. *Geografia*, Londrina, v. 18, n. 2, 2009.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (ORG.). *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas, SP: Papirus, 2004, p.249-288.

Recebido em 07 de setembro de 2016.

Aceito em 15 de outubro de 2016.